

# ESPECIAL: estudo bíblico vicentino

Dezembro 2017/ janeiro/fevereiro 2018



**COMENTÁRIOS RELACIONAM A BÍBLIA AO COTIDIANO DA SSVV**

# Para ler, compartilhar e agir

Em uma proposta de fomentar a espiritualidade entre os confrades e consócias da área do Conselho Metropolitano de Formiga, o Departamento de Comunicação (Decom) publica desde setembro um anexo ao jornal COMUNICAÇÃO Vicentina, com comentários relacionando as leituras bíblicas semanais ao cotidiano da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP).

Os textos são de autoria do confrade Eduardo Marques de Almeida, um confrade brasileiro que mora no Paraguai, e contribui na formação do Conselho Geral Internacional (CGI).

São breves reflexões que impõem à caridade e aos demais compromissos cristãos. Elas devem ser lidas em reuniões de Conferências e Conselhos e animar a caminhada vicentina no serviço aos Pobres.



Samuel Godoy

Confrade Eduardo Marques de Almeida

## SEMANA DE 4 DE DEZEMBRO (REFERÊNCIA: LEITURAS DO DOMINGO 10 DE DEZEMBRO)

### 2º Domingo do Advento

Leituras: 2Pd 3,8-14; Mc 1,1-8

"Depois de mim virá alguém mais forte do que eu. Eu nem sou digno de me abaixar para desamarrar suas sandálias."

Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos 1,1-8

1 Início do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.

2 Está escrito no livro do profeta Isaías:

'Eis que envio meu mensageiro à tua frente, para preparar o teu caminho.

3 Esta é a voz daquele que grita no deserto:

'Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas estradas!'

4 Foi assim que João Batista apareceu no deserto, pregando um batismo de conversão para o perdão dos pecados.

5 Toda a região da Judéia e todos os moradores de Jerusalém iam ao seu encontro.

Confessavam os seus pecados e João os batizava no rio Jordão.

6 João se vestia com uma pele de camelo e comia gafanhotos e mel do campo.

7 E pregava, dizendo:

'Depois de mim virá alguém mais forte do que eu.

Eu nem sou digno de me abaixar para desamarrar suas sandálias.

8 Eu vos batizei com água, mas ele vos batizará com o Espírito Santo.'

### REFLEXÃO VICENTINA

Todas as vezes que eu leio o Evangelho que refletimos hoje (de São Marcos), eu tento me colocar na posição de São João Batista. Marcos diz a respeito do precursor de Jesus: "João se vestia com uma pele de camelo e comia gafanhotos e mel do campo. E pregava, dizendo: 'Depois de mim virá alguém mais forte do que eu. Eu nem sou digno de me abaixar para desamarrar suas sandálias.

Eu vos batizei com água, mas ele vos batizará com o Espírito Santo."

Como é difícil ter a humildade de São João! Eu acho que teria muita dificuldade em assumir seu papel de precursor, de preparador, de coadjuvante, de "não ser o protagonista". Muitos de nós buscamos entender o nosso valor na vida, como algo muito importante, muito grande, muito reconhecido. E este comportamento não é errado de todo, porque devemos sim, buscar ter impacto importante no mundo criado por Deus e utilizando os dons que Deus nos deu de presente.

Este comportamento passa a ser um problema quando nos esquecemos da humildade. Podemos definir "humildade" como a virtude de colocar todas as coisas (sucessos e fracassos, conquistas e desapontamentos) nas mãos de Deus: Ele é o grande maestro e nós somos os realizadores de Sua vontade.

Mas São João Batista teve muita fama. Muitos inclusive o consideravam como o próprio Messias que viera ao mundo para salvar os judeus. Ele poderia ter se aproveitado desta fama em seu próprio benefício, para conquistar poder ou glória. Mas ele preferiu um outro caminho: o da fé e da humildade. Ao dizer que ele não era o Messias e que ele nem mesmo poderia "desamarrar as sandálias" do Messias, colocou-se na posição de serviço a Deus; ignorou completamente a sua humana necessidade de glória e reconhecimento. E Deus o elevou a mártir defensor da fé e do batismo não somente na água, mas no Espírito Santo.

Quantas vezes temos a possibilidade de evangelizar sem colocar-nos no primeiro lugar e preferimos a fama, a glória e o poder! Em nossa própria Sociedade de São Vicente de Paulo, muitas vezes agimos para que os outros

possam nos valorizar, para que nos elejam presidentes de Conselhos ou para que olhem para nós e nos admirem! Colocar-nos aos pés de Jesus e dedicar nossa vida ao serviço desinteressado do Pobre e dos outros membros da SSVP é uma expressão da santidade que tanto buscamos na vocação vicentina.

Ozanam poderia ter sido muito mais famoso. Poderia ter continuado a querer ser um político de nome; mas preferiu ser reconhecido como o servidor dos Pobres. São Vicente de Paulo viveu muito perto da realeza e poderia ter enriquecido, mas sua "conversão na conversão" o levou a outro caminho: o de empreendedor do serviço ao Pobre. Assim foram tantos e tantos outros vicentinos que nos precederam: eles não têm retratos nas paredes dos Conselhos, não têm livros escritos, não têm salas com seus nomes. Afinal, eles não precisavam desta glória, porque, como muito bem dizia Santa Teresa de Calcutá, "nunca foi entre nós e os homens, mas sempre foi entre nós e Deus".

## SEMANA DE 11 DE DEZEMBRO (REFERÊNCIA: LEITURAS DO DOMINGO 17 DE DEZEMBRO)

### 3º Domingo do Advento

Leituras: 1Ts 5,16-24; Jo 1,6-8.19-28

"Estai sempre alegres. Aquele que vos chamou é fiel."

Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo João 1,6-8.19-28

6 Surgiu um homem enviado por Deus; Seu nome era João.

7 Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, para que todos chegassem à fé por meio dele.

8 Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz:

19 Este foi o testemunho de João, quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntar: 'Quem és tu?'

20 João confessou e não negou.

Confessou: 'Eu não sou o Messias'.

21 Eles perguntaram: 'Quem és, então? És tu Elias?'

João respondeu: 'Não sou'.

Eles perguntaram: 'És o Profeta?'

Ele respondeu: 'Não'.

22 Perguntaram então: 'Quem és, afinal?'

Temos que levar uma resposta para aqueles que nos enviaram. O que dizes de ti mesmo?'

23 João declarou:

'Eu sou a voz que grita no deserto: 'Aplainai o caminho do Senhor'' - conforme disse o profeta Isaías.

24 Ora, os que tinham sido enviados pertenciam aos fariseus 25 e perguntaram:

'Por que então andas batizando, se não és o Messias, nem Elias, nem o Profeta?'

26 João respondeu: 'Eu batizo com água; mas no meio de vós está aquele que vós não conheceis,

27 e que vem depois de mim. Eu não mereço desamarrar a correia de suas sandálias.'

28 Isso aconteceu em Betânia além do Jordão, onde João estava batizando.

### REFLEXÃO VICENTINA

A Carta de São Paulo aos Tessalonicenses desta semana merece ser repetidamente lida, porque resume o que podemos chamar de um "manual de vivência da santidade". Vejamos o que nos diz.

"Irmãos: Estai sempre alegres! Rezaí sem cessar. Dai graças em todas as circunstâncias, porque esta é a vossa vontade de Deus em Jesus Cristo. Não apagueis o espírito! Não desprezeis as profecias, mas examinai tudo e guardai o que for bom. Afastai-vos de toda espécie de maldade! Que o próprio Deus da paz vos santifique totalmente, e que tudo aquilo que sois - espírito, alma, corpo - seja conservado sem mancha alguma para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo! Aquele que vos chamou é fiel; ele mesmo realizará isso."

De acordo com este "manual de santidade", é interessante começar por definir o que NÃO é ser santo para chegar ao que o é de verdade.

Ser santo não é mostrar um comportamento de tristeza frente ao que acontece no mundo. Ao contrário, se o santo compreende a verdade absoluta e revelada por Deus, pode ser livre do mundo,

embora vivendo no mundo. A liberdade traz consigo a alegria. O Papa Francisco deixou muito claro o que é a alegria, em sua brilhante encíclica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho). Ser alegre é ter uma visão positiva da vida e do mundo em que vivemos. Se sabemos que Deus é o dono de nossas vidas, tudo o que acontece nelas é Sua obra e, portanto, é bom. Para o vicentino, isto se reflete na forma como visita o Pobre, na forma como trata os amigos da Conferência ou do Conselho e na forma como olha a sua família, suas relações de trabalho e suas relações sociais. A juventude da Sociedade não se expressa pela média de idade de seus membros, mas pela jovialidade ou alegria com que tratamos os fatos do dia-a-dia.

Ser santo não é se deixar levar pela era digital, sem tempo para a reflexão e a oração. Ao contrário, é necessário que tomemos decisões firmes sobre a utilização de nosso tempo e dediquemos um pouco de nosso dia à conversa com Deus, à leitura do Evangelho, à análise da vontade de Deus em nossa vida, como estamos fazendo, nesta reflexão vicentina. A era digital, leva-nos a não ter tempo para nada que seja relacionado ao desenvolvimento de nosso espírito. Temos que estar ligados ao telefone inteligente, mandando e recebendo mensagens a cada segundo. Já não dormimos com o terço ao nosso lado, mas com o "smartphone". Já não conseguimos escutar o que o Padre fala na missa por mais de oito minutos, porque a ansiedade de verificar as mensagens nos distrai a atenção. São Vicente passava horas em oração, mesmo sendo um operário criativo e incansável do serviço aos outros. Como já dissemos anteriormente, a santidade não é só uma relação com os outros, mas é sobretudo a relação íntima com Deus, de escuta e de pedidos, de reflexão e de planejamento da ação, de leitura e de da compreensão do seu significado nos fatos da vida. "Não apagueis o espírito!"

Ser santo não é estar livres da maldade. Ao contrário, alguns dos santos mais conhecidos de nossa história tiveram a "conversão na conversão" (como São Vicente de Paulo, como Santo Agostinho) e também tiveram suas "noites escuras" de dúvida e tentação (como Santa Teresa de Calcutá, como São João da Cruz). O demônio não é uma peça de ficção: ele existe para tentar-nos e para nos fazer mal. O que Paulo diz que um santo deve fazer é identificar a maldade, seja pela tentação ou pela ação dos outros, e afastar-se dela, sobretudo, tentando substituí-la, "guardando o que for bom". Se nos tenta a preguiça para servir o Pobre, há que reconhecê-la e não ignorá-la; e, ao reconhecê-la, lutar contra ela. Se o nosso irmão vicentino nos faz mal, não devemos fingir que nada aconteceu, mas devemos considerá-lo como um irmão que, como nós, busca a sua santificação e pode errar. Ir ao seu encontro, conversar com ele, tratar a maldade com as palavras santas, sem fugir dele ou eliminá-lo de nossas vidas, é uma expressão de sabedoria. O perdão faz muito mais bem a nós que a quem nos fez o mal!

De uma maneira brilhante, Paulo termina dizendo que não há que ter medo de ser santo nestas circunstâncias, porque Deus é fiel aos que chama à santidade e Ele mesmo faz com que tudo o que indica ser um comportamento "santo" aconteça. Ele nos dá força e sabedoria (dons do Espírito Santo) para ser alegres, para buscar a oração, para compreender a maldade e reagir com a santidade. Não estamos sós, portanto não é necessário ter medo de ser santos!

**SEMANA DE 18 DE DEZEMBRO  
(REFERÊNCIA: LEITURAS DO  
DOMINGO 24 DE DEZEMBRO)**

**4º Domingo do Advento  
Leituras: Rm 16,25-27; Lc 1,26-38**

"Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!"

Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas - 1,26-38

Naquele tempo:  
26O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré,

27a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José.

Ele era descendente de Davi e o nome da virgem era Maria.  
28O anjo entrou onde ela estava e disse: 'Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!'

29Maria ficou perturbada com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação.

30O anjo, então, disse-lhe: 'Não tenhas medo, Maria, porque encontraste graça diante de Deus.

31Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus.

32Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi. 33Ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó, e o seu reino não terá fim'.

34Maria perguntou ao anjo: 'Como acontecerá isso, se eu não conheço homem algum?'

35O anjo respondeu: 'O Espírito virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra.

Por isso, o menino que vai nascer será chamado Santo, Filho de Deus.

36Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice.

Este já é o sexto mês daquela que era considerada estéril, 37porque para Deus nada é impossível'.

38Maria, então, disse: 'Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!'

E o anjo retirou-se.

**REFLEXÃO VICENTINA**

Quando eu leio o Evangelho da Anunciação (texto de Lucas desta semana), sempre me pergunto o que faria se, de repente, um anjo aparecesse à minha filha, ou a uma jovem amiga, dizendo coisas como 'Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!'.

Maria, evidentemente, "ficou perturbada com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação". Acho que eu nem daria ouvidos e pensaria que minha filha ou a jovem amiga estariam com algum tipo de loucura. Acho que uma pessoa normal reagiria assim.

Imagine se o anjo continuasse dizendo "não tenhas medo, porque encontraste graça diante de Deus"! Evidentemente teria medo! Maria também teve"! Mas pouco a pouco ela foi escutando, analisando o que escutava, em sua simplicidade, em sua juventude.

Mas o pior ainda estava por vir... o anjo lhe diz que a vida de Maria seria transformada para sempre: "Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi. Ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó, e o seu reino não terá fim". Bem agora sim, a loucura parece completa. Maria era uma adolescente e o anjo lhe diz que ela teria um filho sem "conhecer" homem algum e o filho seria um rei maior que todos os reis. Se isso acontecesse, todos os seus sonhos de ter um casamento normal estariam destruídos. As pessoas não olhariam para ela da mesma forma: ela seria discriminada. O anjo termina dizendo que sua concepção seria feita pelo "Espírito que viria sobre ela, trazendo o poder do Altíssimo" e que o seu filho seria chamado "Santo, Filho de Deus".

Para que Maria pudesse crer de verdade, o anjo dá um sinal físico, fácil de se verificar. Era muita coisa difícil de acreditar e era necessário algo visível a Maria. Ele comunica a ela que Isabel, sua parenta, também concebeu um filho, mas em condições humanamente impossíveis, porque ela era estéril. Diante das palavras e dos sinais, Maria só tinha uma resposta. Não poderia dizer não ao anjo; não poderia pensar em seus sonhos de juventude. Sua resposta foi uma adesão total ao plano de Deus: "eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!".

Quantas vezes Deus se comunica conosco, pedindo que nos convertamos, que mudemos de vida! Quantas vezes as mensagens parecem loucas: não retribuir uma ofensa, rezar pelos que nos fazem mal, confiar que no final Deus se manifestará, não ter medo diante dos desafios da evangelização vicentina. Tudo isso parece louco, mas Deus continua a nos avisar, a nos pedir, das formas mais estranhas, por anjos que se colocam em nosso caminho, pelos Pobres que servimos, pelos sacerdotes que nos falam nas homilias, pelos textos que lemos, ou até mesmo, pelos sorrisos que nos são impostos e que são muito diferen-

tes dos sonhos que tínhamos para a nossa caminhada.

Que respostas demos até hoje a estas "mensagens loucas"? Que respostas daremos a elas no futuro? Nessas respostas podem nos colocam muito mais perto de Maria que passou pela mesma experiência e disse "sim" ao plano de Deus. Em nossas orações, peçamos a Maria que nos mostre quando dizer "sim", quando não ter medo de arriscar uma mudança, quando reagir positivamente a uma mensagem de conversão, de santidade e de doação total ao Seu Filho.

**SEMANA DE 25 DE DEZEMBRO  
(REFERÊNCIA: LEITURAS DO  
DOMINGO 31 DE DEZEMBRO)**

**Sagrada Família de Jesus, Maria e José  
Leituras: Cl 3,12-21; Lc 2,22-40**

**"Tudo o que fizerdes, em palavras ou obras, seja feito em nome do Senhor Jesus Cristo."**

Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas - 2,22.39-40

22Quando se completaram os dias para a purificação da mãe e do filho, conforme a Lei de Moisés, Maria e José levaram Jesus a Jerusalém, a fim de apresentá-lo ao Senhor.

39Depois de cumprirem tudo, conforme a Lei do Senhor, voltaram à Galiléia, para Nazaré, sua cidade.

40O menino crescia e tornava-se forte, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele.

**REFLEXÃO VICENTINA**

Como em outras vezes, na Carta aos Colossenses desta semana, São Paulo, une uma classe de teologia a recomendações práticas. Como em outras leituras do período do Advento, Paulo fala sobre santidade, mas nesta carta, ele trata de temas como o perdão, como o louvor a Deus e como a vida em família.

Paulo começa com uma mensagem muito forte: "vós sois amados por Deus, sois os seus santos eleitos". Isto nos dá a tranquilidade de ser protegidos e escolhidos, mas também traz a responsabilidade para nós da busca da santidade, que deve vir através da "sincera misericórdia, da bondade, da humildade, da mansidão e da paciência". Como sabemos, estes "guias de comportamento" estão presentes de alguma maneira no que chamamos de "virtudes vicentinas" que são cinco: simplicidade, humildade, mansidão, mortificação e zelo. Em outra ocasião, refletimos sobre estas virtudes, mas está claro que são muito importantes para quem deseja seguir o carisma vicentino.

Depois, Paulo fala sobre o perdão. Ele nos pede que nos "suportemos uns aos outros, perdoando-nos mutuamente", acrescentando uma frase muito importante: "como o Senhor vos perdoou, assim perdoai vós também". Quando ainda era arcebispo de Buenos Aires, o Papa Francisco escreveu em um dos seus livros uma sabedoria: "só pode perdoar quem teve a experiência do perdão". Uma criança que nunca foi perdoada por algo normalmente errado que tenha feito, dificilmente poderá ter o sentimento de perdão pelas outras pessoas. Aqui, Paulo nos diz o mesmo. Ele nos pede que pensemos em quantas vezes o Senhor já nos perdoou e que vejamos como foi bom sentir a paz que vem deste sentimento. Desta forma, poderemos também perdoar os que nos ofendem e passar esta mesma paz aos outros. Definitivamente, não pode haver santidade sem perdão, não pode haver paz sem esquecer definitivamente o mal que nos fazem. Quando perdoamos alguém, somos nós que ficamos mais santos e damos ao que nos ofendeu, a possibilidade de também buscar a santidade, porque sente a paz do nosso perdão.

Paulo então passa aos conselhos práticos das relações dentro da família. "Esposas, sede solícitas para com vossos maridos, como convém, no Senhor. Maridos, amai vossas esposas e não sejais grosseiros com elas. Filhos, obedeci em tudo aos vossos pais, pois isso é bom e cor-

reto no Senhor.Pais, não intimideis os vossos filhos, para que eles não desanimem”.

Aqui, não faz muito sentido buscar o significado literal das recomendações, que é ajustado ao ambiente em que Jesus vivia. Muito mais importante que a letra é o espírito da letra! Quem é esposa ou esposo sabe o quanto é difícil, mas ao mesmo tempo gratificante, ser sempre solícito com o outro, ou ser sempre amável, mesmo quando nossa índole nos leva a ser grosseiro, sem paciência. Quem é filho, sabe o quanto é difícil obedecer aos pais, porque o filho quer mostrar que também tem sua autoestima, seu próprio ego. Mas minha experiência indica que, quando o filho se torna pai, passa a decidir e educar exatamente da mesma forma que seu pai ou mãe o educou, mesmo que tente ignorar esta herança espiritual. Quem é bom pai ou boa mãe sabe que a maior dificuldade na relação com os filhos é saber colocar-se em posição de “desapego amoroso”: não sobrecarregá-los com mimos, mas deixá-los aprender pelo erro, pela própria experiência. No final, o que importa não é tanto o que fazemos como esposos, filhos ou pais, mas importa a intenção com que fazemos. Sabemos que vamos errar, porque não há manual de comportamento de esposos, filhos e pais, mas vamos tentar acertar, com as heranças espirituais de nossos pais, com nossas fraquezas e fortalezas, com a nossa fé de que estamos realizando o plano de Deus em nossa família.

De fato, uma mensagem primordial da Carta aos Colossenses desta semana é a exortação de ser santos realizando tudo em nome do Senhor: “tudo o que fizerdes, em palavras ou obras, seja feito em nome do Senhor Jesus Cristo”. Isto muda tudo, porque nos põe em uma posição de proximidade de Deus. Ele nos dá o Espírito de força e sabedoria, e nós realizamos tudo em Seu nome. Que graça enorme sentir a paz desta proximidade!

### SEMANA DE 1 DE JANEIRO DE 2018 (REFERÊNCIA: LEITURAS DO DOMINGO 7 DE JANEIRO)

#### Epifania

Leituras: Is 60,1-6; Salmo 71 (72); Ef 3,2-3a.5-6; Mt 2,1-12

“Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-Lo”.

Leitura de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus - Mt 2,1-12

Tinha Jesus nascido em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes, quando chegaram a Jerusalém uns Magos vindos do Oriente.

“Onde está – perguntaram eles – o rei dos judeus que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-Lo”.

Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes ficou perturbado e, com ele, toda a cidade de Jerusalém.

Reuniu todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo e perguntou-lhes onde devia nascer o Messias.

Eles responderam: «Em Belém da Judeia, porque assim está escrito pelo profeta:

“Tu, Belém, terra de Judá, não és de modo nenhum a menor entre as principais cidades de Judá, pois de ti sairá um chefe, que será o Pastor de Israel, meu povo”.

Então Herodes mandou chamar secretamente os Magos e pediu-lhes informações precisas sobre o tempo em que lhes tinha aparecido a estrela.

Depois enviou-os a Belém e disse-lhes: «Ide informar-vos cuidadosamente acerca do Menino; e, quando O encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-Lo».

Ouvindo o rei, puseram-se a caminho. E eis que a estrela que tinham visto no Oriente seguia à sua frente e parou sobre o lugar onde estava o Menino.

Ao ver a estrela, sentiram grande alegria. Entraram na casa, viram o Menino com Maria, sua Mãe, e, prostrando-se diante d'Ele, adoraram-No.

Depois, abrindo os seus tesouros, ofereceram-Lhe

presentes: ouro, incenso e mirra.

E, avisados em sonhos para não voltarem à presença de Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.

#### REFLEXÃO VICENTINA

Nesta semana, celebramos a Epifania do Senhor, o que significa, a manifestação de Jesus a todos os homens, depois de seu nascimento em Belém. Ele é uma “luz” que se acende na noite do mundo e atrai a si todos os povos da terra. Cumprindo o projeto libertador que o Pai nos queria oferecer desde sempre. Esta “luz” encarnou na nossa história, iluminou os caminhos dos homens, conduziu-os ao encontro da salvação, da vida definitiva.

Na primeira leitura, o profeta Isaías, inspirado na luz do sol nascente, anuncia a chegada da luz salvadora, que transfigurará Jerusalém e que atrairá à cidade de Deus povos de todo o mundo. Jerusalém é uma cidade em construção, assim como o seu Templo, e voltará a ser bela e harmoniosa, após a salvação trazida por Deus. Ele se apresenta como quem está constantemente preocupado com a vida e a felicidade dos que caminham na Sua direção.

Na segunda leitura, Paulo apresenta o projeto salvador de Deus como uma realidade que vai atingir toda a humanidade, juntando judeus e pagãos numa mesma comunidade de irmãos – a comunidade de Jesus.

No Evangelho, Mateus apresenta a figura da luz, da pequenez de Belém e da manjedoura, e da descoberta do menino que transforma o coração dos magos, só de olhar e estar perto do Menino, fazendo com que eles deixem as oferendas e mudem o percurso de suas vidas.

O projeto de libertação que Jesus veio apresentar aos homens será a luz que vence as trevas do pecado e da opressão e que dá ao mundo um rosto mais brilhante de vida e de esperança.

Como os reis magos, todos nós também buscamos a luz, queremos um significado para a nossa vida. O vicentino não é diferente. Ao contrário, busca a sua salvação – e dos seus - a cada instante da vida.

O vicentino tem a graça de ser guiado pela luz de Cristo que o leva à casa do Pobre. Não é mais Jerusalém, nem somente Belém: a casa do Pobre, que para muitos é a menor de todas as casas, torna-se a gruta onde o vicentino encontra a salvação.

O vicentino também é guiado pela luz (pela vocação) para a conferência, que é a comunidade de que Paulo fala: o seu refúgio (a sua gruta) contra tudo de mal que acontece fora do ambiente da conferência. É na conferência que cada um se coloca humilde como o Menino, buscando manifestar a luz da descoberta de sua vocação.

A conferência e a casa do Pobre se completam em um mistério divino que se torna claro para o vicentino. Nos dois, forma-se a comunidade de fé, onde todos são iguais, todos caminham juntos na direção da luz que é a salvação dada por Deus a todos. Na conferência, a amizade, a oração e o compartilhamento da vocação geram um grupo maior do que cada um em particular. Na casa do Pobre, o vicentino se faz menor do que o dono da casa, chega como rei e se transforma no oferente de seus dons e adorador da manjedoura que carrega o Menino Jesus.

Ao chegar, tanto na casa do Pobre, quanto na conferência, o vicentino encontra a luz, isto é, o significado para a vida. O que antes era mistério (a presença de Deus no outro, tanto no Pobre, quanto no confrade ou consocia) passa a ser desvendado, descoberto, iluminado.

É aí que o vicentino encontra a salvação, a manifestação de Cristo nascido na simplicidade da manjedoura. Por isso, ao encontrar a casa do Pobre e a conferência, o vicentino oferece tudo o que tem de melhor de si – o ouro, incenso e mirra – que se traduzem no seu tempo e no pão compartilhado com os “pequeninos do Pai”.

E, depois de depositar aos pés do Pobre e dos seus confrades e consocias, os “seus bens”, o vicentino sai com o seu coração transformado e muda o percurso de sua vida. Já não há lugar para o pecado, a tristeza, a dúvida. Passa a existir somente a fé no Deus-menino, a esperan-

ça no encontro definitivo com o Pai e a vivência do amor em plenitude. O pecado dá lugar à misericórdia, a tristeza é substituída pela alegria do anúncio do nascimento do Senhor e o medo se traduz na força evangelizadora do Espírito Santo.

#### LEITURA ESPIRITUAL

### SEMANA DE 8 DE JANEIRO DE 2018 (REFERÊNCIA: LEITURAS DO DOMINGO 14 DE JANEIRO)

2º Domingo do Tempo Comum  
Leituras: 2Pd 1,16-19; Mt 17,1-9

“Aquele que se une ao Senhor constitui com Ele um só Espírito”.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João - Jo 1,35-42

Naquele tempo, estava João Baptista com dois dos seus discípulos, vendo Jesus que passava, disse:

«Eis o Cordeiro de Deus».

Os dois discípulos ouviram-no dizer aquelas palavras e seguiram Jesus.

Entretanto, Jesus voltou-Se; e, ao ver que O seguiam, disse-lhes: «Que procurais?»

Eles responderam: «Rabi – que quer dizer 'Mestre' – onde moras?»

Disse-lhes Jesus: «Vinde ver».

Eles foram ver onde morava e ficaram com Ele nesse dia.

Era por volta das quatro horas da tarde.

André, irmão de Simão Pedro, foi um dos que ouviram João e seguiram Jesus.

Foi procurar primeiro seu irmão Simão e disse-lhe: «Encontrámos o Messias» – que quer dizer 'Cristo' –; e levou-o a Jesus.

Fitando os olhos nele, Jesus disse-lhe: «Tu és Simão, filho de João. Chamar-te-ás Cefas» – que quer dizer 'Pedro'.

#### REFLEXÃO VICENTINA

As leituras desta semana nos fazem refletir sobre o significado da vocação. A palavra “vocação” vem do verbo do latim “vocare”, ou seja, “chamar”. O processo da vocação cristã ou vicentina se dá da seguinte forma: Deus nos chama, nós respondemos a Ele e O seguimos. Portanto, inicialmente, a vocação é a iniciativa de Deus em chamar-nos. Mas as outras duas ações (que têm a ver conosco) são tão importantes quanto a primeira: nós respondemos ao chamado e O seguimos. Se não houver a resposta, a vocação se torna um “chamado no escuro” e se não houver o seguimento, a vocação se torna apenas um desejo.

Estes três verbos se encontram bem definidos nas leituras. Na primeira, encontramos a história do chamamento de Samuel. Deus o chama pelo nome e ele diz: “fala, Senhor, que o vosso servo escuta”. Samuel escuta o Senhor e se coloca disponível a escutar. No Evangelho, Jesus chama os dois que seguiam a João Batista e eles se tornam discípulos de Jesus: a resposta deles foi mudar de vida, porque viram Nele o Cordeiro de Deus, o Messias libertador. Finalmente, na carta aos Coríntios, Paulo dá uma explicação teológica e, em seguida, uma perspectiva prática do que deve ser a resposta ao chamado de Deus: “aquele que se une ao Senhor constitui com Ele um só Espírito. Fugi da imoralidade”. Porque “o vosso corpo é o templo do Espírito Santo”. E termina com uma declaração contundente de amor a Cristo: “não pertenceis a vós mesmos, porque fostes resgatados por grande preço”.

Portanto, quem responde ao chamado do Senhor, primeiro escuta, depois muda de vida e, finalmente, já não pertence a si mesmo, mas passa a ser um só Espírito com Ele. É uma sequência belíssima!

Para nós que somos vicentinos, acontece um processo muito parecido. Primeiro, Deus tem a iniciativa de chamar-nos; pode ser por um amigo, por um aviso na Paróquia, por uma pessoa pobre que necessita de nós. Às vezes não compreendemos bem o chamado, assim como Samuel não entendeu bem o que Deus queria dele. Mas, não importa, respondemos assim mesmo e vamos à conferência e fazemos a visita. Depois, nós mudamos de vida: passamos a viver a vida da conferência e do encontro com o Pobre. E aí, passamos à transformação mística: ao entrarmos na casa do Pobre, tornamo-nos

um só Espírito com o Cristo que aí habita.

A partir daí, já não somos os mesmos, já não pertencemos a nós mesmos. Toda a nossa vida passa a ser movida pela chama da descoberta de Jesus no outro, naquele ou naquela que necessita de nosso serviço.

E o "pertencimento a Deus" não se traduz somente na visita vicentina, mas na transformação total de nosso ser. Tomamos consciência de que nosso corpo é efetivamente o Templo do Espírito Santo e já não queremos pecar; queremos utilizar o corpo para servir mais, sem o limite do cansaço para "um com o Cristo". Nossos dons passam a ser utilizados para o serviço direto aos Pobres e para a luta pela justiça social: o que aprendemos na oração e na mística da visita, passamos a traduzir em nosso trabalho, nossa intelectualidade, nossa vida social, no sentido de criar um mundo mais justo ao nosso redor.

Às vezes, esta transformação se dá de repente, como a conversão de Paulo no caminho de Damasco, mas outras vezes, tomamos nosso tempo para mudar de vida. No ambiente da Segunda Leitura, Paulo havia chegado a Corinto, depois de atravessar boa parte da Grécia, e ficou por lá cerca 18 meses (anos 50-52). De acordo com At 18,2-4, Paulo começou a trabalhar em casa de Priscila e Áquila, um casal de judeo-cristãos que também eram fabricantes de tendas e utilizava o sábado para pregar na sinagoga. Só com a chegada a Corinto de Silvano e Timóteo (2 Cor 1,19; At 18,5) que Paulo consagrou-se inteiramente ao anúncio do Evangelho.

Este é o milagre da vocação vicentina que Frederico Ozanam descobriu e nos deu como herança. De um chamamento a uma simples visita, passamos a ser, cada um a seu modo, mensageiros vivos do Evangelho da justiça e do amor.

**SEMANA DE 15 DE JANEIRO DE 2018  
(REFERÊNCIA: LEITURAS DO  
DOMINGO 21 DE JANEIRO)**

**3º. Domingo do Tempo Comum**

**Leituras: Jonas 3,1-5.10, Salmo 24 (25), 1 Cor 7, 29-31, Mc 1,14-20**

"O tempo é breve (...) os que utilizam este mundo, como se realmente não o utilizassem."

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos - Mc 1,14-20

Depois de João ter sido preso, Jesus partiu para a Galiléia e começou a proclamar o Evangelho de Deus, dizendo:

«Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho».

Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu Simão e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores.

Disse-lhes Jesus: «Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens».

Eles deixaram logo as redes e seguiram-No.

Um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam no barco a consertar as redes; e chamou-os.

Eles deixaram logo seu pai Zebedeu no barco com os assalariados e seguiram Jesus.

**REFLEXÃO VICENTINA**

As leituras desta semana continuam a reflexão da semana passada, recordando que Deus ama cada homem e cada mulher – sem distinção – e o chama-o à vida plena e verdadeira. A resposta do homem ao chamamento de Deus passa por um caminho de conversão pessoal e de identificação com Jesus, deixando de lado todas as coisas temporais. Nossa vida é um eterno caminhar de conversão, mesmo que seja com dúvidas, altos e baixos.

Na primeira leitura, conta-se uma história – não real – do envio do profeta Jonas para pregar a conversão aos habitantes de Nínive. A cidade de Nínive, capital do império assírio, tinha ficado na consciência dos habitantes de Judá como símbolo do imperialismo e da mais cruel agressividade contra o Povo de Deus. Deus chama Jonas para ir pregar a conversão

dos ninivitas, mas no início ele vai para outro lugar. Depois de uma tempestade, é atirado ao mar e engolido por um peixe, que depois o deixa em terra firme. Jonas então se converte e vai pregar em Nínive. Contra todas as expectativas, os ninivitas escutam-no, fazem penitência e manifestam a sua vontade de conversão. Como resultado, Deus desiste do castigo à cidade.

Na segunda leitura, Paulo fala aos coríntios. Novamente, Corinto é uma cidade cheia de vitalidade, mas muito influenciada pela cultura pagã (especialmente grega): era um porto, onde vinham muitos marinheiros de todo o mundo. Em particular, no contexto da ética sexual, os coríntios se colocavam entre duas opções extremas. De um lado, uma consciência do comportamento moral pouco responsável – tipo "vale tudo" – muito parecido com o que São João Paulo II chamava de "ditadura do relativismo". No extremo oposto, existia o desprezo absoluto pela sexualidade (típico de certas tendências filosóficas platônicas que consideravam a matéria um mal e que faziam do não casar um ideal absoluto).

Paulo apresenta dois conceitos muito importantes. Primeiramente, indica que os dois extremos são maus e que o melhor caminho é o equilíbrio, combatendo a desordem sexual e defendendo o valor do casamento, mas também elogiando o celibato. Em segundo lugar, Paulo valoriza o conceito do tempo: mostra que o tempo presente é curto e que nossa vida deve se concentrar nas coisas de Deus, esperando o momento em que nos encontraremos com Ele de forma definitiva. Para isso, devemos nos converter continuamente.

O Evangelho de Marcos vai na mesma direção. Novamente, o contexto da cidade onde se passa o evento é importante: a Galiléia é uma região de pagãos, considerada pelas autoridades religiosas de Jerusalém uma terra de onde "não podia vir nada de bom", condenada a ser esquecida e marginalizada. É aí que Jesus se revela como o Messias que proclama o Reino de Deus e inicia a escolha de seus apóstolos. É como se Jesus resgatasse a santidade do povo, assim como Deus fez com Nínive e como Paulo queria fazer com Corinto.

À semelhança de Paulo, Marcos fala sobre o conceito de tempo. Ele coloca na boca de Jesus as seguintes palavras: "cumpriu-se o tempo e está próximo o Reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho".

Na expressão "cumpriu-se o tempo", a palavra grega utilizada por Marcos e que traduzimos por "tempo" ("kairós") refere-se a um tempo bem distinto do tempo material ("chronos"), que é o tempo medido pelos relógios. Kairós é o tempo da salvação obtida, novamente, pela conversão de cada um.

Como vicentinos, somos constantemente confrontados com escolhas entre os opostos da virtude e do vício: visitar a casa do Pobre ou só dar lugar a prazeres, ser humilde ou buscar só a glória ou o poder, fazer-se Pobre ou exagerar na busca dos bens materiais, ser um exemplo de ética nos negócios e no trabalho ou deixar-se levar pelo que "todo o mundo faz", ser fiel à família ou envergonhá-la. São muitas as situações de escolha que se colocam na nossa vida, sempre influenciada pela "ditadura do relativismo" ("tudo é relativo!"). Paulo nos ensina o valor do equilíbrio – sem exageros – na constante escolha pela virtude (e a consequente negação do vício). Jesus nos chama todo o tempo para ser seus discípulos, convertendo-nos e crendo no Evangelho. Jesus e Paulo nos mostram que o tempo é curto, mas pode ser o nosso melhor amigo: a escolha que fazemos agora está feita, o tempo ("chronos") não retorna: apesar da misericórdia divina do perdão constante, a responsabilidade pela decisão deste momento é de cada um de nós e se reflete no "kairós".

Finalmente, Jesus, Paulo e Jonas nos mostram que, se nos convertemos e nos tomamos discípulos, servindo aos Pobres e buscando a Deus na oração e no Evangelho, podemos mudar o mundo (não somente mudar a Galiléia, Corinto ou Nínive), tornando-o mais justo, mais igual, mais virtuoso e mais santo.

**SEMANA DE 22 DE JANEIRO DE 2018  
(REFERÊNCIA: LEITURAS DO  
DOMINGO 28 DE JANEIRO)**

**4º. Domingo do Tempo Comum**

**Leituras: Deut 18,15-20; Salmo 94 (95); 1 Cor 7, 32-**

**35; Mc 1, 21-28**

Todos podemos ser profetas se perdermos o medo de nos libertar das coisas temporais e se buscarmos constantemente o serviço a Deus e aos irmãos.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos - Mc 1, 21-28

Jesus chegou a Cafarnaume quando, no sábado seguinte, entrou na sinagoga e começou a ensinar, todos se maravilhavam com a sua doutrina, porque os ensinava com autoridade e não como os escribas.

Encontrava-se na sinagoga um homem com um espírito impuro, que começou a gritar:

«Que tens Tu a ver conosco, Jesus Nazareno? Vieste para nos perder? Sei quem Tu és: o Santo de Deus».

Jesus repreendeu-o, dizendo: «Cala-te e sai desse homem».

O espírito impuro, agitando-o violentamente, soltou um forte grito e saiu dele.

Ficaram todos tão admirados, que perguntavam uns aos outros: «Que vem a ser isto?»

Uma nova doutrina, com tal autoridade, que até manda nos espíritos impuros e eles obedecem-Lhe!»

E logo a fama de Jesus se divulgou por toda a parte, em toda a região da Galiléia.

**REFLEXÃO VICENTINA**

As leituras desta semana parecem que não têm nenhuma ligação uma com as outras. O que tem a ver uma primeira leitura que fala sobre o envio de um profeta, com uma segunda leitura que fala sobre as responsabilidades do homem e da mulher no casamento, e com o Evangelho, em que Jesus expulsa um demônio?

Na realidade, as leituras têm uma linha de raciocínio comum, contundente e muito vicentina: elas nos ensinam que todos podemos ser profetas se perdermos o medo de nos libertar das coisas temporais e se buscarmos constantemente o serviço a Deus e aos irmãos. Se o fizermos, Deus mesmo, com Sua autoridade, se encarregará de nos livrar das tentações e da ação do mal.

Na leitura do Deuterônimo, Moisés afirma que o profeta é alguém que Deus escolhe, que Deus chama e que Deus envia para ser a Sua Palavra viva no meio dos homens. O Livro do Deuterônimo é o "livro da Lei" ou "livro da Aliança" que, através de três discursos de Moisés, apresenta a teologia fundamental do Povo de Deus: há um só Deus, que deve ser adorado por todo o Povo num único local de culto (Jerusalém); esse Deus amou e elegeu Israel e fez com Ele uma aliança eterna. O texto de hoje discute o significado do **ser profeta e a diferenciação entre o verdadeiro e os falsos profetas**. Ele aponta Moisés como o exemplo do profeta, no sentido de mostrar que não foi Moisés que se candidatou à missão profética, por sua iniciativa; não foi Moisés que conquistou, pelas suas ações ou pelas suas qualidades, o direito à profecia. A iniciativa foi de Deus que, de forma gratuita, o escolheu, o chamou e o enviou em missão. Como o Papa Benedito XVI costumava dizer: "Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos". A resposta servidora do verdadeiro profeta é profetizar tudo o que Deus "colocar em sua boca".

Na Carta aos Coríntios, Paulo nos convida a não ter medo de nos libertar das coisas temporais. Sem nos atermos aos detalhes das recomendações da conduta dos homens e mulheres, Paulo insiste que devemos fazer nossas escolhas de forma a sempre nos unirmos ao Senhor sem desvios. No contexto particular da mensagem, Paulo sempre valorizou o casamento como um dom de Deus, mas apresenta a virgindade como sinal de desprendimento, de doação, de disponibilidade e deve ser positivamente valorizada. Aqueles que são chamados a viver dessa forma não são gente estéril e infeliz, alheia às coisas bonitas da vida, mas são pessoas generosas, que renunciaram a um bem (o matrimônio) em vista da sua entrega a Deus e aos outros.

No Evangelho de Marcos, Jesus mostra com autoridade que pode expulsar o mal que nos escraviza, tornando-nos li-

vres, desde que declaramos que Ele é o "Santo de Deus". Não nos esqueçamos de que nesta fase, Jesus estava escolhendo e "conquistando" os seus discípulos, e, em particular, os apóstolos. Jesus vai, em um sábado, falar na sinagoga. E fala tão bem, tão diferente dos escribas (estudiosos das Escrituras) normais, que mostra a sua autoridade. Aqui, mais uma vez, Deus mostra que capacita os escolhidos, porque Jesus não era um escriba, era filho de um carpinteiro! Para completar, a "autoridade" de Jesus se mostra em uma ação concreta: a libertação do homem que tinha um "espírito impuro".

Para nós vicentinos, a mensagem é clara! Por intermédio de nosso carisma do encontro com o Pobre, da oração constante e da advocacia pela justiça social, Deus nos dá a **autoridade** para sermos profetas. Falamos do que conhecemos e vivemos. E Deus nos qualifica como **verdadeiros** profetas, porque nos permite distanciar das coisas do mundo, mas estando no mundo e servindo no mundo.

Às vezes, temos medo do que dizer na visita à casa do assistido; temos medo do que dizer em um encontro de formação da SSV. Jesus vem comunicar novamente hoje: "não tenha medo!" Ele nos capacita; o Espírito Santo nos concede o dom da sabedoria e da ciência para ser sinal e profeta do amor de Deus no encontro com o Pobre, no serviço ao irmão vicentino e no dia-a-dia de nosso trabalho e de nossa vida social. O único que Deus nos pede é a escolha: sempre para a virtude, nunca para o vício. Mas, mesmo se, como verdadeiros profetas, cairmos na tentação da escolha do vício, não tenha medo! Ainda assim, Jesus vem com a Sua autoridade e nos liberta do espírito mal para que possamos entrar puros novamente na "sinagoga", no Seu Reino.

### SEMANA DE 29 DE JANEIRO DE 2018 (REFERÊNCIA: LEITURAS DO DOMINGO 4 DE FEVEREIRO)

#### 5º. Domingo do Tempo Comum

Leituras: **Jó 7,1-4.6-7; Salmo 146 (147); 1 Cor 9,16-19.22-23; Mc 1, 29-39**

"Ai de mim se não anunciar o Evangelho!"

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos - Mc 1, 29-39

Naquele tempo,

Jesus saiu da sinagoga e foi, com Tiago e João, a casa de Simão e André.

A sogra de Simão estava de cama com febre logo Lhe falaram dela.

Jesus aproximou-Se, tomou-a pela mão e levantou-a.

A febre deixou-a e ela começou a servi-los.

Ao cair da tarde, já depois do sol-posto, trouxeram-Lhe todos os doentes e possessos e a cidade inteira ficou reunida diante da porta.

Jesus curou muitas pessoas, que eram atormentadas por várias doenças, e expulsou muitos demônios.

Mas não deixava que os demônios falassem, porque sabiam quem Ele era.

De manhã, muito cedo, levantou-Se e saiu.

Retirou-Se para um lugar ermo e aí começou a orar.

Simão e os companheiros foram à procura d'Ele, quando O encontraram, disseram-Lhe:

«Todos Te procuram».

Ele respondeu-Lhes:

«Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de pregar aí também, porque foi para isso que Eu vim».

E foi por toda a Galileia, pregando nas sinagogas e expulsando os demônios.

### REFLEXÃO VICENTINA

As leituras de hoje parecem umas aulas sobre depressão e tristeza. Jó parece estar totalmente desiludido e deprimido em suas "noites de amargura". Paulo apresenta a sua missão de evangelizar como "uma obrigação que lhe foi imposta". E Jesus, depois de um dia inteiro de curas e expulsão de demônios, parece que necessita ir a um lugar calmo para descansar.

Eu lhes convido a refletir sobre a mensagem contrária a esta percepção inicial sobre as leituras: elas nos mostram que o sentido da vida é exatamente a alegria da conversão e do serviço ao Senhor, na pessoa dos mais necessitados.

Na primeira leitura, Jó (o mesmo do ditado que diz que "às vezes é preciso uma paciência de Jó") mostra a sua amargura e desilusão com sua vida marcada por um enorme sofrimento. Jó é um homem piedoso, bom, generoso e cheio de "temor de Deus". Possuía muitos bens e uma família numerosa... Mas, repentinamente, perde tudo: bens, família e saúde. Deus parece estar ausente e indiferente face ao seu desespero.

Os judeus acreditavam no que chamavam de "teologia da retribuição", ou seja, Deus recompensa os bons e castiga os maus. Jó é apresentado justamente para questionar esta teologia que considerava Deus como um comerciante e passa a buscar o verdadeiro rosto de Deus, de forma apaixonada, emotiva, dramática, temperada pelo sofrimento, marcada pela rebeldia e, às vezes, pela revolta. Jó descobre um Deus onipotente, desconcertante, incompreensível, que ultrapassa infinitamente as lógicas humanas; mas descobre, também, um Deus que ama com amor de Pai cada uma das suas criaturas. Jó reconhece sua pequenez e finitude, a sua incapacidade de julgar a Deus, nem entendê-Lo à luz da lógica dos homens. Por isso, se entrega totalmente nas mãos desse Deus, incompreensível mas cheio de amor.

Paulo parece fazer o mesmo: na segunda leitura, diz que a única recompensa por ser o apóstolo totalmente dedicado a Deus é mais trabalho e mais dedicação: é "anunciar gratuitamente o Evangelho". Mas ele diz mais, em uma aula de filosofia: "com os fracos tornei-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de ganhar alguns a todo o custo".

Retiramos destes textos lições muito importantes para nós vicentinos. Primeiro, seguir o Evangelho não é uma profissão para a qual recebemos um salário; é uma doação apaixonada a Deus, colocando-se em suas mãos; é também aceitar os sofrimentos ("a cruz") com a alegria de estar mais perto e ser mais "querido por Deus".

Segundo, nosso serviço aos outros (em particular, aos Pobres) deve ser tal que devemos nos tornar iguais a eles, no sentido de entender e viver suas fraquezas, suas tristezas, suas próprias "noites escuras".

Terceiro, como entender o sofrimento e justificar que tantos inocentes e bons passam por sofrimentos tão terríveis? A resposta é que não há resposta racionalmente humana. Só mesmo a fé e a esperança no Deus misericordioso podem fazer-nos aceitar (mesmo sem entender) que o sofrimento nos aproxima deste Deus.

Quarto, não devemos nos culpar pelas vezes em que somos um pouco "Jó" e nos colocamos contra Deus, contra os homens, contra nossos sofrimentos e contra o que percebemos como justiça. Estes sentimentos são humanos e servem para nos "recuperar do funeral", "acordar da noite escura" e seguir em frente, cheios de vontade de nos voltar para Deus.

Ao ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos abandonados, doentes, empobrecidos dos bens materiais e da fé, o vicentino não tem outra alternativa que esquecer de seus próprios abandonos, de suas próprias doenças, de suas próprias pobreza e ir ao encontro deles. Mostrar a alegria do Evangelho não somente nos põe mais perto do Deus que está em nossos irmãos, mas também nos faz ser mais fortes, mais resistentes aos desafios da vida: não há ressurreição sem morte, felicidade completa sem ser antecipada pelo sofrimento, perdão sem a decepção e luz sem a escuridão.

### SEMANA DE 5 DE FEVEREIRO DE 2018 (REFERÊNCIA: LEITURAS DO DOMINGO 11 DE FEVEREIRO)

#### 6º. Domingo do Tempo Comum

Leituras: **Lev 13, 1-2.44-46; Salmo 31 (32); 1 Cor 10, 31-11,1; Mc 1, 40-45**

"Quer comais, quer bebais, ou façais qualquer coisa, fa-

zei tudo para glória de Deus".

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos - Mc 1, 40-45

Naquele tempo,

veio ter com Jesus um leproso.

Prostrou-se de joelhos e suplicou-Lhe:

«Se quiseres, podes curar-me».

Jesus, compadecido, estendeu a mão, tocou-lhe e disse:

«Quero: fica limpo».

No mesmo instante o deixou a lepra

e ele ficou limpo.

Advertindo-o severamente, despediu-o com esta ordem:

«Não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua cura o que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho».

Ele, porém, logo que partiu, começou a apregoar e a divulgar o que acontecera, e assim, Jesus já não podia entrar abertamente em nenhuma cidade.

Ficava fora, em lugares desertos, e vinham ter com Ele de toda a parte.

### REFLEXÃO VICENTINA

Nas leituras desta semana, Deus nos pede que pensemos sobre a pureza (ou, por seu contrário, sobre a impureza) e sobre como devemos lidar com as pessoas "impuras". Neste sentido, Ele mesmo mostra que o serviço aos outros não pode ser condicionado pelo nosso pré-julgamento sobre a "pureza" de quem servimos, se Ele mesmo nos trata sem distinção ou discriminação.

A primeira leitura apresenta-nos a legislação que definia a forma de tratar com os leprosos. Impressiona como, a partir de uma imagem deturpada de Deus, os homens são capazes de inventar mecanismos de discriminação e de rejeição em nome de Deus. Além de sofrer suas dores físicas, os leprosos tinham ainda que sofrer o mal do rechaço, da discriminação e da falta de amor dos outros.

O Evangelho mostra uma nova lei. Jesus não só não discrimina o leproso, mas vai ao seu encontro e o toca! Tocou aqui tem um sentido muito profundo, porque ninguém sequer chegava perto do leproso, para não ficar também impuro. Jesus não tem medo, porque sabe que a Sua pureza vem do Pai e de Sua misericórdia. Depois, Jesus cura o leproso e pede que ele não diga nada a ninguém: não era necessário que os outros O vissem como superior ao leproso a ponto de curá-lo. Afinal, quem liberta é o Pai!

São Paulo, na Carta aos Coríntios desta semana pede também que os judeus não se preocupem com os os preceitos superficiais. Os judeus eram proibidos de comer a carne dos animais que eram imolados nos templos dos pagãos e oferecidos aos ídolos pagãos. Paulo vem dizer que se pode comer o que se deseje, porque a lei fundamental é a do amor; é necessário libertar-se de todo o tipo de preconceito (inclusive o da carne "impura") e focar-se no que é essencial: a misericórdia e o amor.

Os leprosos dos tempos anteriores a Jesus sofreram algo muito diferente dos leprosos de hoje, ou dos Pobres e abandonados que nós, vicentinos, assistimos hoje? Ao escutar alguém que tenha problemas sérios de abandono e, por isso, reage de forma bruta conosco, tentamos entender o tamanho sofrimento ou a "lepra interior" que esta pessoa tem ou teve no passado? Ou nos juntamos aos outros "puros como nós" para discriminá-lo e abandoná-lo? Será que não fazemos esta discriminação em nossa própria família, em nossa Conferência, em nossa paróquia?

O verdadeiro carisma vicentino não é o da primeira leitura, mas o do Evangelho, aquele que vai ao encontro do irmão "leproso", e, sem medo toca-o, escuta-o, e compreende sua história, para então curá-lo. E depois, pedir a ele que não conte nada a ninguém, porque não queremos ser conhecidos como os que fomos "superiores" ou "mais puros" que os outros, a tal ponto que conseguimos curá-los.

Também, ao escolher uma família para assistir, não devemos nos preocupar se é "impura" ou se come isso ou aquilo, ou se fez isso ou aquilo. Se Deus colocou a família em nosso caminho, é porque quer que sejamos misericordiosos

como Ele é conosco; afinal, é porque quer que, como Paulo, sejamos os imitadores de Cristo.

A verdadeira humildade é aquela que aceita que somos tão puros ou impuros quanto os que nós servimos: quem os purifica, por nosso meio, é o Senhor. E, como efeito misericordioso, ao purificar o outro, purifica a nós mesmos, eliminando nossa "lepra" e nossos preconceitos.

**SEMANA DE 12 DE FEVEREIRO DE 2018  
(REFERÊNCIA: LEITURAS DO  
DOMINGO 18 DE FEVEREIRO)**

**1º. Domingo da Quaresma**

**Leituras: Gn 9,8-15; Salmo 24 (25); 1 Pe 3,18-22; Mc 1,12-15**

"Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho".

Evangelho de Nosso senhor Jesus Cristo segundo São Marcos - Mc 1,12-15

Naquele tempo, o Espírito Santo impeliu Jesus para o deserto.

Jesus esteve no deserto quarenta dias e era tentado por Satanás.

Vivia com os animais selvagens os Anjos serviam-No. Depois de João ter sido preso, Jesus partiu para a Galileia e começou a pregar o Evangelho, dizendo:

«Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho».

**REFLEXÃO VICENTINA**

Iniciamos esta semana o período da Quaresma, que são os quarenta dias que antecedem a paixão, morte e ressurreição de Cristo. É um período de reflexão baseada no jejum, na oração e na esmola. Estes três elementos só fazem sentido, se forem utilizados para estar mais perto de Deus: o jejum é uma oferta de sacrifício, a oração é uma oferta da humildade (no sentido de aceitar a misericórdia de Deus) e a esmola nos aproxima de Deus que está presente no outro que ajudamos.

O número quarenta aparece na Bíblia associado a uma prova de fé ou de resistência: quarenta anos do povo de Israel sob dominação dos filisteus ou de Saul; quarenta anos de espera de Moisés no Egito; e, finalmente, quarenta dias que Jesus passou no deserto, antes de sofrer o martírio.

Interessante é que é o próprio Espírito Santo quem leva Jesus ao deserto para jejuar e, posteriormente, ser tentado pelo demônio. De fato, às vezes, é necessário que deixemos o mundo de lado e tomemos um tempo em nossa vida para jejuar, para refletir, para provar se nossa fé é uma cômoda participação dos sacramentos, ou se é uma verdadeira doação de nossa vida a Deus. Jesus "tirou" os quarenta dias para preparar-se para o sofrimento que estava para vir. Não devemos ver os momentos em que nos afastamos do mundo para jejuar e rezar, como um sofrimento, mas como uma oportunidade de sair deste período melhor do que entramos. E este é o desafio dos próximos quarenta dias: que a prática do jejum, da oração e da esmola possa servir para que, depois da Páscoa, estejamos diferentes, mais fortes, com menos medo de evangelizar, de enfrentar os problemas do dia-a-dia.

Para isso, é necessário primeiramente que, como diz o autor da carta de Pedro (na segunda leitura de hoje), possamos "morrer para a carne, para voltar à vida pelo Espírito". Morrer para a carne significa deixar de lado a vaidade, a ansiedade, algum sacrifício de comida, o sentimento de vingança contra o outro que nos decepcionou, a cobiça exagerada pelo dinheiro, pelo poder e pela glória. Morrer para a carne também significa dar prioridade a Deus: tirar um pouco do nosso tempo diário e simplesmente rezar ou escutar o que Ele quer de nós. Morrer para a carne significa também, finalmente, sair de nossa "bolha" e ir ao encontro do irmão que necessita de nós, seja de uma esmola, seja de um momento de atenção para escutá-lo.

Para o vicentino, estes exercícios deveriam fazer parte de todos os dias do ano, não somente da Quaresma, mas eu convidado todos nós vicentinos a intensificar o jejum, a oração e

a visita ainda mais durante estes quarenta dias. Certamente, vamos ser tentados a desistir, a pensar para que fazer o sacrifício, se ninguém faz ou se Deus nos ama de qualquer maneira (com ou sem sacrifício). Mas o exercício da Quaresma não é feito para Deus: no final, é feito para nós mesmos. Deus não necessita de nosso sacrifício, mas nós sim, necessitamos para nos fortalecer, para vencer os nossos vícios, os nossos limites e a nossa tendência a pensar que somos o centro do universo.

É preciso que nos transformemos através da libertação de tudo o que nos afasta de Deus. E a quaresma é um período muito bom para esta libertação. É o momento de nos colocarmos no "deserto" de nossa vida e esvaziar-nos de tudo o que nos incomoda. Existem duas formas (que se complementam) de realizarmos esta libertação. A primeira forma é buscar o "esvaziamento" de nossos vícios, isto é, deixar os vícios no "deserto da quaresma". A segunda forma é encher o espaço vazio, o "deserto", com as virtudes.

Conforme escreveu o autor do livro "Liderança Mística - Um Modelo baseado na Experiência Vicentina", cada virtude tem um vício que lhe é contrário. As pessoas são impulsivadas por virtudes ou por seus opostos, tais como prudência – oposto de impulsividade e humildade – oposto de arrogância. Todo o tempo estamos diante de escolhas entre uma virtude e o seu oposto – um vício.

Nesta quaresma, proporia que façamos um exercício simples, mas muito eficaz. Tomemos um papel pequeno e, do lado esquerdo, escrevamos as três virtudes que queremos desenvolver para a nossa vida. Por exemplo, há três grupos de virtudes: as cardeais, as teológicas e as vicentinas. As virtudes cardeais são: a prudência, a justiça, a temperança e a coragem. As virtudes teológicas são: a fé, a esperança e a caridade. E as virtudes vicentinas são: a simplicidade, a humildade, a mortificação, a gentileza e o zelo. Do lado direito do papel, escrevamos os três vícios que queremos "deixar no deserto da quaresma". Por exemplo, os vícios podem ser os opostos das virtudes ou podem ser algo mais específico, como: deixar de beber em exagero, deixar de fumar, nunca mais ser infiel à família, deixar de falar mal das outras pessoas... Estes são os sacrifícios mais difíceis de "largar no deserto", mais difíceis que o jejum ou a abstinência de carne!

Proponho que carreguemos este papel no nosso bolso e a cada semana, nos disponhamos a exercitar uma das três virtudes e "largar" um dos três vícios que escrevemos. Não nos esqueçamos de que a conversão é um exercício de escolhas que acontecem a cada semana, a cada dia, a cada instante...

Deixar-se tomar pelo Espírito Santo para ir ao deserto é entrar dentro de nós mesmos, no mais fundo de nossa alma, para que possamos nos conhecer melhor: conhecer nossas fortalezas e nossas debilidades, entender nossos limites e descobrir que a "aliança" com Deus torna tudo possível, tudo mais alegre e tudo com mais sentido. A primeira leitura apresenta a aliança com Deus como a salvação do dilúvio, tendo como agente Noé. A segunda leitura apresenta esta mesma aliança, mas agora como o batismo, tendo como agente o Espírito Santo. O Evangelho nos pede que nos preparemos durante quarenta dias para a aliança definitiva, a Eucaristia e a Ressurreição do Senhor, em que o agente é o próprio Deus que vai ao limite do sacrifício por nós.

**SEMANA DE 19 DE FEVEREIRO DE 2018  
(REFERÊNCIA: LEITURAS DO  
DOMINGO 25 DE FEVEREIRO)**

**2º. Domingo da Quaresma**

**Leituras: Gen 22,1-2.9a.10-13.15-18; Rom 8,31b-34; Salmo 115 (116); Mc 9,2-10**

**«Este é o meu Filho muito amado: escutai-O!»**

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos - Mc 9,2-10

Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e subiu só com eles para um lugar retirado num alto monte e transfigurou-Se diante deles.

As suas vestes tornaram-se resplandecentes, de tal brancura que nenhum lavadeiro sobre a terra as poderia assim branquear.

Apareceram-lhes Moisés e Elias, conversando com Jesus.

Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: «Mestre, como é bom estarmos aqui!

Façamos três tendas: uma para Ti, outra para Moisés, outra para Elias».

Não sabia o que dizia, pois estavam atemorizados.

Veio então uma nuvem que os cobriu com a sua sombra e da nuvem fez-se ouvir uma voz:

«Este é o meu Filho muito amado: escutai-O».

De repente, olhando em redor, não viram mais ninguém, a não ser Jesus, sozinho com eles.

Ao descerem do monte, Jesus ordenou-lhes que não contassem a ninguém que tinham visto, enquanto o Filho do homem não ressuscitasse dos mortos.

Eles guardaram a recomendação, mas perguntavam entre si o que seria ressuscitar dos mortos.

**REFLEXÃO VICENTINA**

No segundo Domingo da Quaresma, a Palavra de Deus nos convida a exercitar de forma efetiva a ESCUTA. Abraão escutou o Anjo de Deus, quando este lhe pediu que sacrificasse o seu filho; depois escutou o mesmo Anjo, quando deixou de sacrificá-lo no último momento e, finalmente, escutou o plano de Deus para ele e o seguiu: "porque obedeceste à minha voz, na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra". Na segunda leitura, Paulo diz aos Romanos que só Deus é necessário para que alcancemos a felicidade em nossa vida: "se Deus está por nós, quem estará contra nós?". Finalmente, no Evangelho, Pedro, Tiago e João não haviam entendido bem a mensagem da Transfiguração de Jesus. Foi preciso que o Anjo de Deus dissesse em alto e bom tom que Jesus era o Messias e que deveria ser escutado: "Este é o meu Filho muito amado: escutai-O".

O "teste duríssimo de fé" que Deus faz com Abraão serve para apresentá-lo como o modelo do cristão. Abraão escuta o chamado de Deus e imediatamente diz "aqui estou". Quando Deus lhe diz para sacrificar o seu próprio filho, ele não discute, não argumenta, não procura obter respostas para esse drama incompreensível. Ele simplesmente se levanta de madrugada, prepara as coisas para o holocausto e põe-se a caminho. Quando o Anjo lhe diz para não fazer mal algum ao menino, escuta uma vez mais e compreende a mensagem de Deus, oferecendo o sacrifício do carneiro. A prova de fé de Abraão abriu caminho não somente para a nova vida de seu filho, quanto para o nascimento do Povo de Deus, como herdeiros de Abraão. Deus transforma a nossa ofensa de fé em um bem para a humanidade inteira. Tudo isso é muito semelhante ao que Deus faz de verdade, quando oferece Seu Filho como holocausto por nós.

No Evangelho da Transfiguração de Jesus, Pedro, Tiago e João são muito amáveis com Jesus: Pedro diz que quer construir as tendas para que ficassem para sempre no monte, porque ali havia paz. Mas eles não tinham ainda escutado bem a mensagem do Cristo. Eles já tinham percebido que Jesus era o Messias libertador de Israel, mas ainda acreditavam que a missão messiânica de Jesus se ia concretizar num triunfo militar sobre os opressores romanos. Por isso, de forma muito simbólica, a mensagem vem do seu como uma epifania (manifestação de Deus de forma fora não convencional para o ser humano).

Como vicentinos e seres humanos, estamos acostumados a sofrer provas de fé. Quando não sabemos bem se continuamos ou não na Conferência, quando hesitamos em vamos fazer visita ao invés de ir a qualquer outro lugar que nos chamam, ou mesmo, quando duvidamos da real presença de Cristo na pessoa do Pobre. A nossa perseverança em escutar a Deus é o que nos faz superar dúvidas de fé. Deus se manifesta de forma espetacular na visita vicentina e na vida da Conferência. Nestes dois lugares, percebemos de forma muito clara a presença do "Filho muito amado de Deus". O encontro com o Cristo na pessoa do assistido reforça a nossa convicção de que Deus efetivamente está conosco e, portan-

to, ninguém e nada que esteja contra nós, tem o poder de nos afastar Dele.

**SEMANA DE 26 DE FEVEREIRO DE 2018  
(REFERÊNCIA: LEITURAS DO  
DOMINGO 4 DE MARÇO)**

**3º. Domingo da Quaresma**

**Leituras: Ex 20,1-17; Salmos 18 (19); 1 Cor 1, 22-25; Jo 2, 13-25**

“O que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens; e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João - Jo 2, 13-25

Estava próxima a Páscoa dos judeus Jesus subiu a Jerusalém.

Encontrou no templo vendedores de bois, de ovelhas e de pombas os cambistas sentados às bancas.

Fez então um chicote de cordase expulsou-os a todos do templo, com as ovelhas e os bois;

jogou por terra o dinheiro dos cambistas derrubou suas mesas; e disse aos que vendiam pombas:

«Tirai tudo isto daqui; não façais da casa de meu Pai casa de comércio».

Os discípulos recordaram-se do que estava escrito: «Devora-me o zelo pela tua casa».

Então os judeus tomaram a palavra e perguntaram-Lhe: «Que sinal nos dás de que podes proceder deste modo?»

Jesus respondeu-lhes: «Destruí este templo e em três dias o levantarei».

Disseram os judeus:

«Foram precisos quarenta e seis anos para se construir este templo Tu vais levantá-lo em três dias?»

Jesus, porém, falava do templo do seu corpo. Por isso, quando Ele ressuscitou dos mortos, os discípulos lembraram-se do que tinha dito acreditaram na Escritura e nas palavras que Jesus dissera.

Enquanto Jesus permaneceu em Jerusalém pela festa da Páscoa, muitos, ao verem os milagres que fazia, acreditaram no seu nome. Mas Jesus não se fiava deles, porque os conhecia a todos e não precisava de que Lhe dessem informações sobre ninguém. Ele bem sabia o que há no homem.

**REFLEXÃO VICENTINA**

Nesta semana do 3º. Domingo da Quaresma, a palavra-chave das leituras é “**conversão**”. Na primeira leitura, o Livro do Êxodo nos apresenta os 10 mandamentos, como norma de vida para os judeus que saíram da escravidão do Egito e necessitavam de um guia para a sua conversão. Na Carta de São Paulo aos Coríntios (segunda leitura), o apóstolo dos judeus da diáspora (que migraram para fora de Israel) e dos gentios e pagãos (em particular gregos) prega que a única conversão verdadeira é aquela que leva a seguir ao Cristo que foi “escândalo para os judeus e loucura para os gentios”, “pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens” e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”. Finalmente, no Evangelho, Jesus expulsa os comerciantes do templo (o centro de referência dos judeus) e se apresenta como um “Novo Templo”: aquele que, sendo o Corpo de Cristo, seria reconstruído em três dias, com a sua própria morte e ressurreição.

Os Dez Mandamentos representam a essência da aliança de Deus com o seu povo, estabelecida no Monte Sinai, com os que haviam se libertado do Egito. Esta aliança se refere a uma série de relações entre o Povo e o seu Deus (primeiros quatro mandamentos), assim como as relações de cada membro desta comunidade - Povo de Deus - com o seu próximo (seguintes seis mandamentos). Os primeiros quatro mandamentos, portanto, sublinham a centralidade que o Deus verdadeiro deve assumir no coração e na vida do seu Povo, que não deve se deixar seduzir por outros deuses (do dinheiro, do poder, dos vícios). Os seis últimos mandamentos nos

convidam a nos despir dos comportamentos que geram violência, egoísmo, agressividade, cobiça, intolerância, escravidão e indiferença face às necessidades dos outros.

Paulo, em sua Carta aos Coríntios desta semana, mostra a falta de lógica na lógica do Deus verdadeiro que veio ao encontro do Seu Povo, através da morte e ressurreição de Seu próprio Filho. Para os judeus, isto era ilógico, porque esperavam exibições espetaculares de um rei que viesse libertar o povo de forma vitoriosa e guerreira dos romanos. Para os gregos, a Cruz era ilógica, porque Jesus não se apresentou como um filósofo de dialética inatacável, mas sim, como o Mestre do Amor.

No Evangelho, João situa o episódio da expulsão dos comerciantes do templo, nos dias que antecedem a festa da Páscoa. Era a época em que as grandes multidões se concentravam em Jerusalém para celebrar a festa principal do calendário religioso judaico. Jerusalém, que normalmente teria cerca de 55.000 habitantes, chegava a albergar cerca de 125.000 peregrinos nesta época. No Templo sacrificavam-se cerca de 18.000 cordeiros, destinados à celebração pascal. É possível imaginar o quanto o sumo sacerdote arrecadava nesta época, com o comércio no templo!

Jesus não só mostra toda a sua raiva com a difamação do templo, quanto indica que o verdadeiro Templo seria destruído e reconstruído em 3 dias. Evidentemente, este desafio gerou uma oposição ferrenha dos sacerdotes do templo de pedra em relação a Jesus. Por outro lado, os discípulos só entenderam as palavras de Jesus, quando a morte e a ressurreição (ao terceiro dia) aconteceram.

Para nós, vicentinos, ficam alguns questionamentos para a reflexão durante a Quaresma. Que sentido têm os 10 mandamentos para nós? Devemos ficar restritos aos mandamentos ou assumir com toda a força o “comportamento irracional” da “loucura do amor” de Deus por nós, através do amor pelos que assistimos? Considerando que “somos o Templo do Espírito Santo”, que templo queremos ter dentro de nós: o de pedra que abriga os comerciantes ou o do Cristo que deve ser reconstruído e renovado sempre, na vivência de Sua morte e ressurreição?

**SEMANA DE 5 DE MARÇO DE 2018  
(REFERÊNCIA: LEITURAS DO  
DOMINGO 11 DE MARÇO)**

**4º. Domingo da Quaresma**

**Leituras: 2 Cr 36,14-16.19-23; Salmos 136 (137); Ef 2, 4-10; Jo 3, 14-21**

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João - Jo 3, 14-21

Naquele tempo, disse Jesus a Nicodemos: «Assim como Moisés elevou a serpente no deserto, também o Filho do homem será elevado, para que todo aquele que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou o Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele.

Quem acredita n'Ele não é condenado, mas quem não acredita já está condenado, porque não acreditou em nome do Filho Unigênito de Deus.

E a causa da condenação é esta: a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque eram más as suas obras.

Todo aquele que pratica más ações odeia a luz e não se aproxima dela, para que as suas obras não sejam denunciadas.

Mas quem pratica a verdade aproxima-se da luz, para que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus.

**REFLEXÃO VICENTINA**

As leituras desta semana são muito complexas e de difícil compreensão. Às vezes, as mensagens são um pouco confusas, como, por exemplo, quando São Paulo diz na Carta aos Efésios: “é pela graça que fostes salvos, por meio da fé. A salvação não vem de vós: é dom de Deus. Não se deve às

obras: ninguém se pode gloriar”. Será então que Lutero (e, por consequência, nossos irmãos protestantes) estava certo? Nossas obras não valem nada para a nossa salvação? Se isto for verdade, para que fazer as visitas vicentinas? Para que construir as obras vicentinas - os asilos, as escolas, os orfanatos - se elas não servem para a nossa santificação?

O Evangelho nos dá um pouco de luz a esta discussão, quando diz que “quem pratica a verdade aproxima-se da luz, para que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus”. Então, nossas obras são importantes e fundamentais para a nossa salvação, desde que sejam feitas em nome da verdade, ou sejam desde que sejam “feitas em Deus”. As obras que não são válidas são as que fazemos para a nossa glória ou proveito próprio. De forma prática, quando fazemos uma visita vicentina, ela será uma “feita em Deus” e será a “prática da verdade”, se a realizarmos com o sentimento de um encontro com Deus na pessoa do assistido. E esta é a grande mística da visita vicentina.

A primeira leitura (do Livro das Crônicas) apresenta três fatos históricos importantes: a destruição de Jerusalém, o incêndio do Templo e o exílio (deportação) do Povo de Deus para a Babilônia. O cronista os associa à infidelidade do Povo de Deus. Como vimos em reflexões anteriores, os judeus acreditavam na Teologia da Retribuição, ou seja, quando o Povo vive na fidelidade à Aliança e aos mandamentos, Deus oferece-lhe vida e felicidade; quando o Povo é infiel aos compromissos assumidos, conhece morte e desgraça. É uma visão de que Deus é apenas um comerciante preocupado em fazer a contabilidade dos débitos e dos créditos do homem, incapaz de amor e de misericórdia. O Evangelho deste domingo virá, precisamente, demonstrar os limites desta perspectiva e apresentar um Deus que, embora abominando o pecado, ama o homem para além de toda a medida e está sempre disposto a oferecer-lhe a vida e a salvação.

A primeira leitura ainda nos mostra que Deus envia seus profetas para que o Povo entenda e acredite Nele, assim como Jesus nos fala na Parábola dos Lavradores Maus (Lc 20:9-19, Mc 12:1-12 ou Mt 21:33-46). Assim como também aconteceu com o próprio Jesus: Deus manda o Seu Filho ao mundo e o povo O mata na cruz. Sabemos, portanto, que Deus não segue a Teologia da Retribuição (não nos mede pelos nossos pecados), mas queremos ser os que O crucificam ou os que O ajudam a carregar a Cruz?

Retomando o tema da salvação pela graça ou pelas obras de que fala São Paulo aos Efésios, é importante salientar que a mensagem é dirigida aos cristãos de Éfeso no sentido de negar a Teologia da Retribuição. Portanto, Deus salva o homem pela Sua graça, manifestada na morte e ressurreição do Cristo. A salvação não é uma conquista do homem, nem resulta das obras ou dos méritos do homem, mas é puro dom de Deus: não há lugar para qualquer sentimento de orgulho ou para qualquer atitude de auto-glorificação (como pensavam os Efésios). Da oferta de salvação que Deus faz ao homem, nasce um homem novo, que pratica boas obras. Portanto, as boas obras não são a condição para se receber a salvação, mas o resultado da ação desta graça que Deus, no seu amor e na sua bondade, derrama gratuitamente sobre o homem.

No final, como dito antes, as obras que não são válidas são as que fazemos para a nossa glória ou proveito próprio. As que fazemos em nome de Deus já incorporam a nossa fé na graça gratuita da salvação trazida por Deus. Por isso é que é a fé que salva e não as obras em si mesmas. O Evangelho fecha a questão, indicando: “todo aquele que pratica más ações odeia a luz e não se aproxima dela, para que as suas obras não sejam denunciadas. Mas quem pratica a verdade aproxima-se da luz, para que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus”.

Que bom ser vicentino e saber o que realizamos não são somente obras, nem, muito menos que as obras que fazemos não são para o nosso próprio proveito ou para “nos enchermos de glória”. Toda a obra vicentina, desde o seu começo, em São Vicente e confirmada por Ozanam, é produto de nossa fé de que é Deus que a realiza “a custa dos nossos braços e pelo suor de nossos rostos”, como dizia São Vicente.